



filologia portuguesa

# Livro de Linhagens do Conde D. Pedro

Edição do fragmento manuscrito  
da Biblioteca da Ajuda (século XIV)

---

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

## INTRODUÇÃO

A presente edição tem como objectivo recuperar uma fonte textual para estudos linguísticos, incidindo por isso num único manuscrito do chamado *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, o mais antigo dos conservados. Trata-se de um fragmento, portanto de um manuscrito que chegou até nós incompleto, o que à partida poderia desencorajar a sua abordagem como objecto de trabalho com a referida intenção. Vários aspectos, porém, contrabalançam o evidente inconveniente de editar um testemunho truncado. Desde logo, a consideração de que, como bem sabe o estudioso do passado, este não deixa senão testemunhos que são sempre parciais relativamente à totalidade dos textos originalmente produzidos, e cuja representatividade, mesmo em termos puramente quantitativos, é sempre impossível de avaliar. Além disso, claro, há a invocar a excepcional importância deste manuscrito tendo em conta a escassez de testemunhos conservados desta época que transmitam textos tipologicamente próximos. A considerar-se um subtipo «nobiliários» dentro da «prosa literária», os restantes *Livros de Linhagens* conhecidos só se conservam em manuscritos tardios, e os outros testemunhos do mesmo texto são posteriores ao século xv. Mas mesmo considerando a totalidade dos textos conservados dentro do tipo mais abrangente, «textos literários», são escassos os que se conservam em testemunhos do século xiv (cf., por exemplo, Castro 2004: 105-106; Cepeda 1995). É certo que, tratando-se de um livro de linhagens, é constituído em boa parte por enunciados com uma estrutura bastante

repetitiva — as passagens propriamente linhagísticas —, cujo interesse, portanto, poderá ser menor para muitos tipos de estudos linguísticos (embora não deixando de ter interesse para certos estudos específicos), mas, como se sabe, tem várias passagens de carácter narrativo, que constituem mesmo exemplos praticamente únicos de prosa deste género dentro do seu âmbito cronológico.

Se se pode considerar preenchida com a edição de José Mattoso a tarefa de recuperação da importantíssima fonte histórica que é o *Livro de Linhagens*<sup>1</sup>, creio que a recuperação da fonte linguística, neste caso tomando autonomamente apenas o seu testemunho mais antigo, objectivo que comecei por declarar, estava ainda por tentar. Isto mesmo pode deduzir-se das próprias palavras de Mattoso (1980: 8), na sua introdução à edição crítica do texto: «Tenho em vista sobretudo os historiadores e genealogistas. Não pretendo realizar trabalho completo ou definitivo para os filólogos.»

A presente edição não pretende de modo algum representar esse trabalho «definitivo», que, aliás, não creia que exista quando se trata de editar textos, menos ainda se o objectivo da edição é linguístico. Sem me deter demasiado na discussão de problemas relativos à actividade editorial aplicada à recuperação de fontes para estudos linguísticos, gostaria de sublinhar que o presente trabalho se assume como proposta consciente das limitações de vária ordem que sempre constroem o trabalho de edição de textos medievais, limitações que decorrem essencialmente do desconhecimento de muitos aspectos relativos às circunstâncias específicas de produção do objecto textual que a edição pretende transmitir. Este tipo de limitações será eventualmente ainda mais drástico quando o que se pretende recuperar não é um objecto único, como seria um original, mas um testemunho relacionado com outros no processo de transmissão do texto.

No caso específico deste manuscrito, as questões relativas ao processo de transmissão textual complexificam-se ainda pelo facto de, aos factores decorrentes do processo de transmissão por cópia manuscrita, se juntarem os que terão decorrido das sucessivas refundições que, se-

---

<sup>1</sup> Embora Mattoso (1980: 8) declare, de acordo com os bons princípios do trabalho científico, que «não consider[a] definitivo o trabalho realizado».

gundo os estudiosos do *Livro de Linhagens*, o texto terá sido alvo, processo em que, de acordo com a análise de José Mattoso, o presente manuscrito teria papel absolutamente central, visto que representaria «um exemplar de trabalho utilizado pelo próprio refundidor em 1380-1383» (Mattoso 1980: 34-35). Recorde-se que, de acordo com este autor, que retoma e discute estudos e propostas anteriores (em particular, Veiga 1942 e Saraiva 1971, além do trabalho de maior fôlego de Lindley Cintra, que a seguir se menciona), o *Livro* teria sido objecto de (pelo menos) duas refundições, com características diferentes. A primeira, realizada em 1360-1365, teria tido o objectivo, previsível num texto deste tipo, de actualizar genealogias. A segunda, porém, teria tido um carácter mais «literário» do que genealógico, visto não ter incluído referências a factos e personagens bem conhecidos depois de 1365 (como Leonor Teles), o que veio a permitir detectar a camada textual anterior<sup>2</sup>. Quanto à redacção original do texto, teria ocorrido entre 1340 e 1344, como já ficara estabelecido a partir da investigação de Lindley Cintra sobre a relação deste texto com a *Crónica Geral de Espanha de 1344*<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> V. o resumo destas conclusões do autor, também em Mattoso (1999: 575-576), onde se sublinha que as questões relativas à autoria e redacção do *Livro do Conde* não suscitaram divergências, ao contrário do que aconteceu com os outros *Livros de Linhagens* (na verdade, no artigo mencionado, Mattoso refere várias discordâncias de Fernandes 1990 sobre as suas teses relativas ao *Livro Velho* e ao *Livro do Deão*).

<sup>3</sup> Cintra (1951), e também (1950) e (1959). Em resumo, Cintra baseou-se na relação entre o *Livro* e a *Crónica*, estabelecida por coincidências textuais e não textuais e utilização de fontes comuns, de que conclui uma autoria comum do Conde D. Pedro, e a redacção posterior da *Crónica*, pelo que o *Livro de Linhagens* não poderia ter sido redigido originalmente depois de 1344 (v. as principais conclusões resumidas em Cintra 1951: CLXXXIX-CLXC). Outros argumentos aduzidos são as referências depreciativas em ambos os textos a Gomes Lourenço de Beja (também objecto de uma cantiga de escárnio do Conde), a que se atribui a responsabilidade das desavenças entre D. Dinis e seu filho, o futuro Afonso IV, passagem raspada no fragmento da Ajuda e não transmitida nos testemunhos posteriores (*ibid.*: CLIX-CLXII), bem como a importância atribuída também em ambos os textos à Batalha do Salado (*ibid.*: CLXIII-CLXV). Mas sobre este último ponto deve notar-se que não é certo que a narrativa constasse já da redacção original do *Livro*. Sabemos, pelo menos, que ela

Assim, para os objectivos que tem em vista a presente edição, importa sublinhar que estaremos perante um testemunho que distará da redacção original do texto menos de meio século, o que, apesar de tudo, não parece excessivo, ou pelo menos é situação em termos de distância cronológica bastante mais favorável que a de vários outros textos medievais, só conservados em manuscritos tardios. Este ponto pesou também, naturalmente, no propósito de tentar recuperar para os estudos linguísticos esta fonte textual, apesar do seu carácter fragmentário. Isto não significa, como é evidente, que se menosprezem as questões decorrentes da natureza do presente manuscrito enquanto parte integrante de um processo de transmissão, mas representa de qualquer modo uma situação que não é, tendo em conta a tipologia do texto em causa, particularmente desfavorável<sup>4</sup>.

Do que até aqui se disse se terá já deduzido que a presente edição não visa qualquer tipo de reconstituição de um texto, no sentido em que o faz uma edição propriamente crítica, que não incide sobre nenhum testemunho particular mas usa a comparação sistemática de todos eles para tentar reconstruir o texto original. O produto da actividade crítica — a reconstituição hipotética do texto — não constituiria, em princípio, um objecto adequado para estudos linguísticos, visto que não poderia considerar-se, em si mesmo, linguisticamente uma atestação. Mas a comparação com outros testemunhos relacionados através

---

foi nalguns pontos refeita ou retocada posteriormente e que a sua conclusão, com a menção da morte e sepultura do Prior D. Álvaro Pereira (c. 1380?) é também posterior, sendo de resto este um dos principais argumentos para a identificação da segunda refundição do *Livro* já mencionada.

<sup>4</sup> Não me detenho aqui na discussão sobre a maior ou menor adequação de um dado tipo de texto (literário, não literário e respectivos sub-tipos) para fornecer dados para estudos linguísticos. Defendo, como princípio, que «cada testemunho de qualquer [tipo de] texto constitui, numa acepção geral, um documento linguístico, embora seja desigual em cada caso a sua adequação para estudos linguísticos com diferentes objectivos» (Brocardo & Emiliano no prelo). A questão foi já longamente tratada e discutida por vários estudiosos da história do português e, no que respeita especificamente à utilização de diferentes tipos de textos para o estudo do português antigo, Castro (2004: 89-96) refere as principais posições sobre o assunto (v. também Martins (2001: 13-14), que retoma a questão noutra perspectiva).

do processo de transmissão, seguindo o método comparativo estabelecido pela Crítica Textual, embora com diferente finalidade, pode constituir, pelo contrário, um importante complemento à edição de testemunho (ou de vários testemunhos) concebida para fins linguísticos (questões discutidas, por exemplo, em Brocardo & Emiliano, no prelo). Ficando essa comparação, para já, por fazer, torna-se ainda mais notório o carácter provisório e incompleto desta tentativa de recuperação da fonte textual.

A presente edição limita-se a procurar recuperar, de acordo com os critérios e normas de transcrição considerados adequados e que adiante serão expostos, um testemunho, que se procura veicular do modo que linguisticamente (mas não, como é evidente, paleograficamente) menos transfigure os dados a disponibilizar, sem, porém, renunciar a «dar a ler» o texto, isto é, sem deixar de assumir que a edição é interpretação, sem dúvida discutível e certamente provisória, do objecto textual que se pretende transmitir.

A observação material do manuscrito, apesar do seu carácter actualmente fragmentário, dá indicações que poderão fornecer indícios sobre o seu processo de elaboração, que, como já referi e de acordo com Mattoso, terá sido parte integrante do próprio processo de refundição do texto. Assim, a edição que se apresenta será precedida de uma breve descrição do manuscrito, expondo-se em seguida os critérios e normas seguidos na transcrição.

## 1. Descrição do manuscrito

O chamado *Nobiliário da Ajuda* ou do *Colégio dos Nobres* contém a parte final do título XXI e os títulos XXII a XXXV, com lacunas no título XXX, do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*<sup>5</sup>. Trata-se de um con-

---

<sup>5</sup> Dos restantes testemunhos, dá Mattoso (1980: 12-27) uma lista, não exaustiva mas muito extensa, na qual refere mais de cinquenta manuscritos, com datas que vão até ao século XIX. Além da edição deste autor, o fragmento da Ajuda fora já publicado por Herculano (1856), e o texto do *Livro de Linhagens* (tendo como base essencialmente o manuscrito conservado no IAN/TT, de fins do século XV ou prin-

junto de 39 fólhos de grandes dimensões, distribuídos por seis cadernos, alguns dos quais incompletos e um deles com as folhas trocadas. Foi encadernado juntamente com o *Cancioneiro da Ajuda*, incluído, portanto, num grosso códice de aspecto monumental, mas a sequência dos cadernos encontra-se também desordenada. O aspecto geral actual do manuscrito não é uniforme, alternando fólhos em bom estado de conservação com outros amarrotados e com a tinta manchada.

A observação do fragmento parece indicar que se trataria de parte de um manuscrito destinado originalmente a transmitir um texto concebido como definitivo. Assim indiciam toda uma série de características integradas nos processos habituais de construção dos códices medievais: o cuidado na preparação e disposição do pergaminho e na sua organização em cadernos (de estrutura, segundo tudo indica, bastante uniforme), a regularidade do pautado e, sobretudo, a rubricação e decoração. Outros aspectos, pelo contrário, parecem indiciar que o fragmento é parte de uma obra não acabada, em particular as interrupções no texto e as passagens, de variada extensão, deixadas em branco, incluindo páginas inteiras não preenchidas que não correspondem a quaisquer lacunas nos testemunhos posteriores, o que viria confirmar a já citada tese de Mattoso segundo a qual a projectada refundição do texto nunca terá chegado a concluir-se. A observação do fragmento mostra também que chegou ainda a haver revisões em importantes passagens do texto, só que, mais uma vez, esse trabalho ficou incompleto (cf. adiante a menção a várias passagens raspadas, nuns casos rescritas e não noutros).

### 1.1. Suporte

O manuscrito é constituído por fólhos em pergaminho grosso no qual se distingue bem o lado da carne do lado do pêlo. O primeiro é mais claro e liso, apresentando também a tinta nele aplicada uma cor

---

cípios do *xvi*) constituía já objecto de várias adaptações e resumos (Mattoso 1980: 28-29). Em termos de edições parciais, veja-se também a de José Joaquim Nunes da narrativa da Batalha do Salado (Nunes ([1906] 1981<sup>8</sup>), com correcções, reconstituições do texto e notas explicativas.

mais clara. O lado do pêlo apresenta um tom mais amarelado, sendo ainda visíveis nalguns extremos inferiores dos fólhos leves vestígios do pêlo insuficientemente polido na preparação do pergaminho. É nestas páginas que se verifica maior irregularidade da cor e textura do suporte, quer em cada fólho, quer de fólho para fólho, sendo alguns bem mais claros e lisos do que outros. O pergaminho apresenta esporadicamente buracos da própria pele, visto que são anteriores à escrita, não cortando o texto.

Nos cadernos completos e correctamente ordenados, como o quarto e quinto, pode ainda verificar-se que a disposição do pergaminho respeitou a regra de apresentar face a face sempre páginas correspondentes ao mesmo lado da pele, apresentando as páginas exteriores de cada caderno sempre o lado da carne.

As actuais dimensões dos fólhos são de c. 440 mm × 343 mm, não correspondendo certamente às originais, visto que algumas notas das margens exteriores estão cortadas, embora pouco, e os furos de pauta do das margens superior e inferior apenas se conservam nalguns fólhos. A ausência de assinaturas poderá também ser consequência do corte das folhas, provavelmente ocorrido aquando da encadernação.

## 1.2. Numeração dos fólhos

O fragmento não conserva vestígios de uma numeração original dos fólhos. Parece plausível admitir que o manuscrito teria sido ordenado por meio de assinaturas, depois suprimidas pelo corte para encadernação, como se notou acima.

São actualmente visíveis três ordens diferentes de numeração dos fólhos, todas elas tardias: foliação (do século XVIII, segundo Mattoso, *ibid.*: 14), inscrita no canto superior do recto, de 1 a 39, segundo a ordem do texto, mas que deverá ter sido inscrita já depois de o fragmento ter sido encadernado, por alguém que reconstituiu a sua sequência, uma vez que de outro modo seria ainda mais incompreensível a actual ordenação dos cadernos e fólhos, que adiante se refere; paginação, a lápis, mais tardia que a numeração anterior, de 1 a 78, seguindo a ordem da actual disposição dos fólhos, inscrita nos cantos superiores esquerdo do recto e direito do verso (esta numeração continua no



*Cancioneiro*); foliação recente, seguindo a ordem da encadernação mas de forma incoerente no primeiro caderno <sup>6</sup>, inscrita a lápis no canto inferior esquerdo do recto, de 2 a 40.

Mattoso (1980) não usa nenhuma destas numerações como referência na sua edição crítica <sup>7</sup>.

### 1.3. Cadernos

O fragmento conservado é constituído por seis cadernos, dois dos quais incompletos e um com as folhas colocadas desordenadamente, estando também a sequência dos cadernos actualmente desordenada.

O primeiro caderno tem sete fólhos, correspondentes a três bifólios e um fólho com «talon». Não são assinaláveis lacunas em relação ao texto conhecido, embora 5v e 6r estejam completamente em branco.

O segundo caderno é um quaterno completo (fols. 8 a 15), embora com os fólhos deslocados em relação à sequência do texto. 9v, 10r e 11r estão em branco e há de facto lacunas no texto conhecido. O bifólho 11+12, colocado no centro, seria o exterior pela ordem do texto, e foi ainda dobrado ao contrário. Por sua vez, o bifólho que

---

<sup>6</sup> O fólho que recebeu o número 2 é de facto o quarto na ordem actual (sugestão de que deveria ser deslocado para o início do caderno? Mas isto não resolveria, como adiante se explica, a desordenação do texto na actual disposição dos cadernos e fólhos) e nenhum fólho recebeu o número 1.

<sup>7</sup> O editor usa uma numeração de 1 a 40, de acordo com a ordem da actual disposição. Porém, nela conta uma das folhas em falta do terceiro caderno, mas não a correspondente do mesmo bifólho, apesar de assinalar na edição a sua falta, pelo que carece também de coerência, não correspondendo esta numeração, nem ao número de fólhos conservados (39), nem ao número hipotético de fólhos para os cadernos conservados (43 ou talvez 45) (v. descrição dos cadernos). Na presente edição adoptei uma numeração dupla, incluindo a numeração segundo a actual disposição dos fólhos (portanto a numeração de Mattoso, mas corrigindo-a no sentido de não considerar nenhuma das folhas perdidas) e uma paginação que segue a ordem do texto, incluindo todas as páginas dos fólhos conservados, mesmo as que se encontram completamente em branco.

deveria estar no centro do caderno (8+15), aparece como exterior, tendo havido, portanto, troca na posição destes dois bifólios. Os dois restantes bifólios foram também dobrados ao contrário.

O terceiro caderno (fols. 16 a 21) conserva apenas seis fólhos, faltando o segundo bifólio, o que corresponde às lacunas do texto entre os fols. 16 e 17 e entre os fols. 20 e 21.

O quarto caderno (fols. 22 a 29) está completo e é o único que se encontra na sequência correcta em relação ao que o precede.

O quinto caderno (fols. 30 a 37) está igualmente completo. Não se assinalam aqui lacunas de texto, e embora 37v esteja em branco apresenta o respectivo reclamo de final de caderno.

Do sexto caderno apenas se conserva um bifólio (38+39), estando 38r em branco. A existência de lacunas no texto antes de 38v e depois de 39, bem como entre estes dois fólhos mostra que faltam pelo menos o bifólio exterior (pelo que é este o único caderno sem reclamo) e um interior. Teríamos, assim, originalmente um terno. Porém, embora as lacunas de texto reconstituíveis pelo confronto com os outros manuscritos não sejam suficientemente extensas para supor a falta de mais do que dois bifólios, talvez seja de admitir que se tratasse antes de um quaterno, eventualmente com passagens ou até páginas inteiras deixadas em branco, como acontece em outros pontos do fragmento conservado.

Em suma, dos seis cadernos conservados, só dois, o terceiro e quarto, se encontram sequencialmente colocados de forma correcta, mas deveriam ter sido colocados em 5.º e 6.º lugares. É difícil compreender o que terá provocado no processo de encadernação uma disposição de tal modo desordenada. Mesmo admitindo que as assinaturas não existissem ou tivessem já desaparecido, o simples facto de quase todas as páginas terem ao centro da margem superior a indicação do Título a que se refere o respectivo texto seria suficiente para evitar tal desordenação, além de que quase todos os cadernos têm reclamo. É provável que o carácter fragmentário do manuscrito, e eventualmente a sua desvalorização relativamente ao *Cancioneiro* a que se juntou, explique este desinteresse do encadernador, que o teria levado a colocar os cadernos numa ordem totalmente ilógica, ou que, mais plausivelmente, se teria limitado a encaderná-los na ordem em que já se encontravam (mas veja-se adiante a descrição do estado de conservação, que parece apon-

tar noutro sentido). De qualquer modo, pode concluir-se que a estrutura original dos cadernos seria bastante regular.

Segue-se um pequeno esquema que mostra a correcta ordenação dos cadernos (em romanos), comparando-a com a actual ordenação no códice (em árabes):

- I (2) — parágrafos xiii<sup>o</sup> a xiv<sup>o</sup> do título XXI, com lacuna
- II (6) — parágrafos xiv<sup>o</sup> a xvii<sup>o</sup> do título XXI, com lacuna
- III (1) — do início do título XXII ao parágrafo ii<sup>o</sup> do Título  
XXV
- IV (5) — do parágrafo ii<sup>o</sup> do título XXV ao parágrafo i<sup>o</sup> do  
título XXVII
- V (3) — do final do parágrafo i<sup>o</sup> do título XXVII ao parágrafo  
vi<sup>o</sup> do título XXXI
- VI (4) — do parágrafo vi<sup>o</sup> do título XXXI ao parágrafo ii<sup>o</sup> do  
título XXXV

#### 1.4. Pautado

O pautado traçado para o texto a duas colunas é bem visível em todos os fólhos que receberam escrita. Os furos usados para traçar a pauta vêem-se em todos os fólhos, quer nas margens interiores quer nas exteriores, mas os das margens superior e inferior, usados para traçar o limite das colunas, nem sempre se conservaram, como já referi.

Em algumas páginas, o traçado da pauta contempla também as notas das margens direita e esquerda e há então 5 em vez de 4 linhas verticais. Nuns casos as linhas de texto que excedem a justificação foram aproveitadas para as inscrições de notas marginais, enquanto outros foram preparados pautados mais cerrados para essas anotações. Nas margens superior e inferior só em raros casos foram traçadas linhas para notas marginais.

Todos os fólhos receberam picotado, mas apenas têm pautado as páginas com texto, o que parece mostrar que a empaginação era feita, provavelmente pelo próprio copista, à medida que a cópia progredia. Apesar do carácter intermitente da empaginação, o número de linhas é invariavelmente 31, excepto no fol. 39r, que tem 32.

De acordo com a observação feita e com base em medições dos valores relevantes em fólhos de todos os cadernos (o primeiro de cada caderno, ou segundo quando aquele está em branco), pôde concluir-se que o pautado evidencia uma assinalável regularidade<sup>8</sup>.

### 1.5. Escrita

O texto do fragmento foi copiado em letra gótica caligráfica comum, de aspecto pesado embora com razoável contraste entre finos e cheios. Nos fols. 13v e 14r, a cópia, sobre raspado, mostra uma letra do mesmo tipo mas ligeiramente mais baixa e angulosa.

As notas marginais apresentam quase sempre letra semelhante à do texto, nalguns casos mesmo com idênticas dimensões, mas geralmente mais pequena. Há, porém, anotações em letra diferente, como adiante se refere, e esporadicamente ocorrem pequenos acrescentamentos em cursiva.

Assim, exceptuando as notas e acrescentamentos<sup>9</sup>, distinguem-se no fragmento apenas duas mãos, a segunda das quais não ocupa mais de um total de 23 linhas de texto copiado sobre raspado. Será, porém, necessário ter em conta que o tipo de letra, caligráfica, impessoal e muito uniformizada, cuja evolução foi lenta ao longo da Idade Média, dificulta uma identificação mais segura de mãos diferentes, bem como uma datação baseada em argumentos paleográficos (cf. Mattoso 1980: 34).

---

<sup>8</sup> Os valores mais significativos para conferir a regularidade do pautado são os da justificação (altura e largura da mancha de texto por coluna e margem entre colunas), cujo cociente oscila entre 1,2 e 1,3 e o da unidade de pautado (razão entre a altura da mancha de texto e o número de linhas), que varia entre 9,83 e 10,3. Tratando-se de um manuscrito de grandes dimensões, em que, portanto, a variação dos valores absolutos é pouco significativa, temos, de facto, valores relativos bastante regulares.

<sup>9</sup> É de notar que um tipo de letra diferente nas anotações à margem ou outros acrescentamentos não implica necessariamente mão diferente, visto que o copista poderia entender usar uma letra «menos caligráfica», portanto de aspecto diferente, nestes casos (v. adiante a descrição deste aspecto).

### 1.6. Rubricação e decoração

Todos os enunciados dos títulos, bem como as abundantes rubricas que entremeiam o texto foram copiados a vermelho, e ainda algumas maiúsculas iniciais de parágrafo. Muitas maiúsculas do texto e também algumas maiúsculas iniciais de notas marginais, tendo sido copiadas a castanho, têm o traço vertical a vermelho. A tinta vermelha seria, portanto, como habitualmente neste tipo de trabalho, inscrita posteriormente, o que se confirma pela irregularidade dos espaços visível entre as rubricas e o texto, que, por vezes, foi excessivo (ou não chegou mesmo a ser preenchido, como acontece com o enunciado do Título no fol. 24v), quando noutros casos se revelou insuficiente, tendo o copista então sido obrigado a prolongar a rubrica na margem. Assim, este aspecto pode fornecer alguns indícios para distinguir as notas inscritas logo a seguir à cópia de notas posteriores, como é referido no ponto seguinte.

As letras iniciais dos títulos, de dimensões que variam na altura entre 13 mm e 20 mm aproximadamente, foram desenhadas a vermelho, em traço cheio, e filigranadas a roxo. Só a inicial do título XXIX é a azul-escuro e filigranada a vermelho.

### 1.7. Emendas, acrescentamentos e anotações

Como já foi referido, o manuscrito apresenta, além de várias páginas, colunas ou linhas em branco, passagens raspadas, mais ou menos extensas, nalguns casos parcialmente legíveis, e ainda passagens raspadas que foram depois parcialmente preenchidas.

Há também emendas, do próprio copista ou posteriores, acrescentamentos e numerosas notas marginais. Tentarei distinguir estes diferentes tipos de intervenções, de acordo com o que é possível deduzir da observação material do manuscrito <sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Todas as correcções, acrescentamentos e anotações são dadas na presente edição, em nota. Neste ponto apenas se referem e localizam alguns exemplos mais significativos assinalados na observação directa do manuscrito.

*a) Emendas do copista*

Há palavras ou parte delas sublinhadas, riscadas ou sopontadas, seguidas, na linha, da forma correcta. Este tipo de correcção ocorrido durante o processo de cópia é muito frequente. Exemplos: ⟨frz⟩, sopontado e escrito a seguir ⟨mrz⟩ (fol. 34r-p. 43); ⟨pez⟩, riscado e escrito a seguir ⟨meēdez⟩ (fol. 35r-p. 45).

Raramente, a palavra correcta foi escrita sobre raspado. Exemplo: ⟨gafo⟩, escrito sobre raspado (fol. 34r-p. 43). Noutros casos ainda o copista limitou-se a cancelar, sopontando-a, uma letra dentro de uma palavra: ⟨fernárdez⟩, com o segundo ⟨r⟩ sopontado (fol. 29v-p. 78).

Mais frequentemente a emenda aparece na entrelinha, o que não dá indícios seguros de ter sido contemporânea da cópia ou posterior. De um modo geral as emendas deste tipo parecem ter sido ainda inscritas pelo próprio copista. Como exemplo, inequívoco, embora único neste caso, temos a emenda ⟨M<sup>i</sup>⟩, correcção acrescentada na entrelinha, a vermelho. Na linha lê-se ⟨manrique⟩, sublinhado (fol. 7v-p. 34), o que mostra que a correcção terá sido feita quando se procedeu à rubricação.

*b) Acrescentamentos*

Há ao longo do texto vários acrescentamentos, entrelinhados ou escritos na margem, sendo quase sempre impossível distinguir os que terão sido introduzidos posteriormente dos que foram inscritos pelo copista. Só em dois casos se nota claramente que o entrelinhado apresenta uma letra diferente: ⟨dona oraca fnādz⟩ e um pouco adiante ⟨leonor⟩, entrelinhados em letra cursiva (fol. 27r-p. 73); ⟨e fez ē ela dona M<sup>a</sup> V<sup>te</sup>⟩, acrescentado na margem em letra cursiva que parece mais tardia (fol. 25v-p. 70).

*c) Rasuras*

Há ao longo do texto várias passagens raspadas que não voltaram a ser preenchidas, abrangendo somente uma ou duas palavras eliminadas, pelo que não terão as rasuras afectado significativamente o texto. Noutros pontos, porém, a porção de texto raspado é mais extensa, tendo certamente havido truncagem mesmo em partes particularmente importantes do texto. Como se compreende, é actualmente impossível fazer uma apreciação que não seja meramente especulativa destas revisões e sobretudo determinar em que medida cada uma delas afectou o texto original. No caso de duas das passagens raspadas mas ainda legí-

veis que afectam partes pouco extensas da narrativa da Batalha do Salado (fols. 13r e 14v-pp. 3 e 6), parece estar-se perante intervenções de carácter estilístico, provavelmente pretendendo alterar mais a forma do que o conteúdo, o que, por se tratar de uma parte do texto atribuído ao refundidor de c. 1380, iria de encontro à hipótese de Mattoso de que o fragmento seria parte do exemplar de trabalho da própria refundição, dando indícios de um autor preocupado com questões de natureza «literária». Também toda a longa passagem raspada dos fols. 13v e 14r-pp. 4 e 5, só parcialmente preenchida por outra mão, se enquadraria, talvez, neste trabalho de refundição, isto é, de redacção e não de cópia, mas neste caso parece mais arriscado avançar a sua finalidade em termos de alteração do texto original. É em todo o caso fundamental a passagem inscrita sobre raspado, visto que é nela que se salienta o papel do Prior D. Álvaro Pereira na batalha.

Resta referir duas passagens raspadas, que se conservaram parcialmente legíveis, em que se trata com toda a evidência de revisões de outra ordem. Refiro-me ao célebre episódio de Gonçalo de Sousa e D. Afonso Henriques (fol. 1v-p. 22) e à também conhecida referência depreciativa a Gomes Lourenço de Beja (fol. 36v-48), em que não podemos deixar de ver intervenções que constituem formas de censura do texto. Teria o mesmo refundidor decidido eliminar (ou deixado para posteriormente refazer) passos menos convenientes, ou de formulação mais crua, já transmitidos na tradição anterior? Recorde-se que o teor da referência ao «uilão» Gomes Lourenço de Beja é um dos argumentos de Lindley Cintra para apoiar a autoria do Conde D. Pedro, como antes foi referido (v. nota 3), no pressuposto de que constaria já da versão original do texto.

Caso ainda diferente será o dos raspados do título xxxv (fol. 29r-p. 77), num dos quais há menção do «liuro» do Conde como obra diferente da que se escreve. Temos aqui, portanto, como objecto de intervenção uma passagem que não constaria da redacção original, mas que teria resultado de uma sua primeira refundição levada a cabo em c. 1360 (v. Mattoso 1980: 42-43).

Além das já referidas, há várias passagens raspadas completa ou quase completamente ilegíveis e que não fornecem, portanto, quaisquer indícios sobre o tipo de intervenção que representariam face aos processos de redacção, refundição ou cópia do texto.

## ÍNDICE DOS TÍTULOS

Título	fol.-p. do ms.	p. da ed.
[T <sup>o</sup> xxi. de Rei Ramiro] <sup>1</sup> .....	12r-1	41
T <sup>o</sup> xxij <sup>o</sup> . dos sousaaos .....	1r-21	57
T <sup>o</sup> xxijj <sup>o</sup> . de dona eluira anes filha de iohã <i>perez</i> da maya <i>e</i> de dona guyomar meêdez filha del conde dō meendo o sousãao	4v-28	68
T <sup>o</sup> xxiiij <sup>o</sup> . de dom meen Rodriguez de touges .....	6v-32	70
T <sup>o</sup> xxv <sup>o</sup> de dona <i>Tereia gonçalvez</i> filha de dō <i>gonçalo</i> de souza <i>e</i> de dona dordia ueegas yrmaa do cōde dō meêdo <i>e</i> dos <i>que</i> dela decēderō .....	7r-33	73
T <sup>o</sup> xxvi <sup>o</sup> . De dō soeiro meêdez o grosso yrmãao de dom <i>Gonçalo</i> de souza .....	33v-42	83

---

<sup>1</sup> Faltando no fragmento a parte inicial do título, dá-se a formulação citada no texto.



T <sup>o</sup> xxvij <sup>o</sup> . de gil guedaz filho de gueda gomez e de dona oraca anriquez de porto careiro. yrmãa de dō iohã anriquez e de dō egas âriquez e de dona sacha âriquez molher de dō Roy gonçaluez pereira. ....	36v-48	92
T <sup>o</sup> xxviii <sup>o</sup> . de dona beatriz perez filha de dō pero Rodriguiz de pereyra e de dona steuaÿnha ermigiz da teyxeira. ....	16r-51	94
T <sup>o</sup> xxix <sup>o</sup> . do linhagē dos peyxotos Vnde decēderom. ....	16v-52	95
T <sup>o</sup> xxx <sup>o</sup> . de dō gomez meēdez que foi o primeiro dos guedaos e dōde decēderō os outros .....	16v-52	97
T <sup>o</sup> xxxi <sup>o</sup> . de dona ouroana meendez yrmãa de dō gonçalo de sousa ....	21r-61	112
T <sup>o</sup> xxxij <sup>o</sup> . de dona oraca meēdez yрмаa de dō gonçalo de sousa .....	22v-64	119
T <sup>o</sup> xxxiij <sup>o</sup> . de dona meana eluira gonçaluez de palmeira filha de gonçalo rodriguiz de palmeira. ....	23v-66	123
T <sup>o</sup> xxxiiij <sup>o</sup> <sup>2</sup> [Dom pedro Rodriguiz de pereira filho de dō Rodrigo gonçaluez de pereira] .....	24v-68	127
T <sup>o</sup> xxxv <sup>o</sup> do bōo De dom uaasco pimentel. ....	28r-75	135

---

<sup>2</sup> Não foi copiado o enunciado do título, sendo a formulação transcrita a que se encontra no início do texto.

## OUTROS TÍTULOS CITADOS NO FRAGMENTO <sup>1</sup>

- [9] T<sup>o</sup> ix. dos de bizcaya (fol. 6v-p. 32).  
[10] T<sup>o</sup> x. dos de lara (fol. 7r-p. 33).  
[11] T<sup>o</sup> xi. dos de crasto (fol. 30r-p. 35).  
[12] T<sup>o</sup> xij. donde ueen os de cabreira (n) (fol. 2v-p. 24).  
[13] T<sup>o</sup> xij. de dō *pero fernādez* de traua (fol. 2v-p. 24) / do cōde dō *pero fernādez* de traua (fol. 3r-p. 25).  
[14] T<sup>o</sup> xiiij<sup>o</sup> de dō gotere dōde ueē os de castanheda (fol. 6v-p. 32).  
  
[16] T<sup>o</sup> xvi de dō soeiro meēdez o boo (fol. 39r-p. 19).  
[17] T<sup>o</sup> xvij. dos gozmāaes (fol. 10v-p. 14).  
[18] T<sup>o</sup> xvij. dos de uila lobos (fol. 6v-p. 32).  
  
[36] T<sup>o</sup> xxxvi<sup>o</sup>. dos de riba de doiro (fol. 2v-p. 24) / do linhagē de Riba de doiro (fol. 21r-p. 61) / de dō egas moniz de riba de doiro (fol. 25r-p. 69) / de dō moninho ueegas (fol. 26r-p. 71) / de dō moninho ueegas o gasco (n) (fol. 23r-p. 65).  
[37] T<sup>o</sup> xxxvij. do cōde dō nuno de cela noua (fol. 2r-p. 23).  
[38] T<sup>o</sup> xxxviiij<sup>o</sup> dos bragāçaãos (fol. 6v-p. 32) / de dō meendo alāao (fol. 4r-p. 27).  
[39] T<sup>o</sup> xxxix. de dō fafez luz (fol. 16r-p. 51).  
[40] T<sup>o</sup> xli<sup>a</sup>. de dō arnaldo (fol. 31v-p. 38) / (...) arnaldo de bayā (n) (fol. 3r-p. 25).

---

<sup>1</sup> Indicam-se as variantes que incidem sobre diferentes formulações dos enunciados dos títulos citados e assinalam-se (n) os que são citados em nota, com indicação do fol./p. em que ocorrem.

- [41] Tº Ēi. dos coronees (fol. 39r-p. 19).
- [42] Tº xLij. de dō goydo araldez (fol. 39r-p. 19) / de dō goydo aldarez (fol. 3v-p. 46) / de dō goydo araldez de bayā (fol. 25v-p. 70).
- [43] Tº Ēiij. dos de porto careiro (fol. 20v-p. 60).
- [45] Tº Ēv. dos de guymarāaes (fol. 21r-p. 61) / dos d'auizela (fol. 27v-p. 74) / dos de riba d'auyzela (n) (fol. 23v-p. 66).
- [46] Tº xl<sup>avi</sup>º. dos de sādī (n) (fol. 36v-p. 48).
- [47] Tº xxxvij dos d'espindel (n) (fol. 16v-p. 52).
- [48] Tº xxxviiij. de dona eluira rodriguez donde ueē os da tayde (n) (fol. 16v-p. 58).
- [49] Tº Ēixº. de dō Grasconho <sup>2</sup> eraldez (fol. 33v-p. 42) / de dō trasconho <sup>3</sup> araldez (fol. 25v-p. 70).
- [50] Tº L. dos pachecos (fol. 10v-p. 14).
- [51] Tº Li. de dō ramiro *quartela* (fol. 39r-p. 19).
- [52] Tº lij. dos d'azeuedo (fol. 4v-p. 28).
- [53] Tº Liiij. do cōde dō osoyro de cabrera (fol. 23v-p. 66).
- [54] TºLiiij dos de maceeira (fol. 29v-p. 78).
- [55] Tº LV. dos de coinha (fol. 10v-p. 14).
- [56] Tº Lvi. de dona ouroana soarez (n) (fol. 21r-p. 61).
- [57] Tº Lvijº. dos tellos (fol. 30r-p. 35).
- [58] tº Lviiijº. de dom gotere andorēt da silua (n) (fol. 23v-p. 66) de dō gotere aldarez da silua (n) (fol. 26v-p. 72).
- [60] Tº lx<sup>a</sup>. dos de gūdar (n) (fol. 36v-p. 48).

---

<sup>2</sup> Grasconho ] *Mattoso (1980) lê* Trasconho (*mas parece claro que a inicial é G*) e *corrige para* [C]rasconho.

<sup>3</sup> trasconho ] *Mattoso (1980) corrige para* [C]rasconho.

## ÍNDICE GERAL

Introdução .....	7
1. Descrição do manuscrito .....	11
1.1. Suporte .....	12
1.2. Numeração dos fólios .....	13
1.3. Cadernos .....	14
1.4. Pautado .....	16
1.5. Escrita .....	17
1.6. Rubricação e decoração .....	18
1.7. Emendas, acrescentamentos e anotações .....	18
1.8. Estado de conservação .....	23
2. Edição .....	24
2.1. Critérios gerais .....	24
2.2. Normas de transcrição .....	25
2.2.1. Vogais .....	25
2.2.2. Consoantes .....	26
2.2.3. Separação e união de palavras .....	26
2.2.4. Abreviaturas .....	28
2.2.5. Numerais .....	28
2.2.6. Maiúsculas, pontuação e divisões do texto .....	29
2.2.7. Correções .....	29
2.2.8. Apresentação da transcrição e aparato .....	32
Apêndice — Principais divergências entre a presente edição e a edição de Mattoso (1980) .....	33
<i>Referências bibliográficas</i> .....	37

LIVRO DE LINHAGENS DO CONDE D. PEDRO (edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda) .....	39
--	----

### Índices

<i>Índice dos títulos</i> .....	143
<i>Outros títulos citados no fragmento</i> .....	145